



A ORPHÃA DA VARZEA

HISTORIETA BRASILEIRA



Na estrada do Presidente, uma legua aquém do arraial dos Mendes, a serra abre-se em rizonha varzea, cortada por um ribeirão crystallino que vai passar sob uma ponte rustica, por onde se faz o transito dos viajantes. Esta pequena varzea, coberta de grama de um verde muito vivo, semeada de pequenas arvores fructíferas, é um refrigerio para a vista dos viajantes, cansada de apascentar-se pelas grotas negras e alcantis alpestres d'aquellas montanhas superpostas. No tempo secco o pó ergue-se em ondas enoveladas que obscurecem o ar; nas invernadas cobre-se o chão de profundo tijuco, em que as tropas e cavalleiros navegão com mais difficuldade do que as caravanas nas inconstantes planicies de areia.

Ha alguns annos, o viajero que seguisse para o Parahyba veria ao lado esquerdo, na extremidade da varzea, e encostada á fralda da montanha coroada de pinheiros susurrantes, uma pequena casa alva, coberta de telhas de saliente côr vermelha, e cercada de um silvado matizado de flores. O ribeirão, que desce da montanha por uma escada natural de pedra, descrevia na varzea uma curva, e vinha banhar uma das faces do cercado, em que havia, á margem da agua, uma cancella verde sobreposta a alguns degrãos rusticos de

madeira, em que os habitantes da casinha deverião vir assentar-se á sombra das bananeiras nas horas de calma, ou utilizar as limpidas aguas nos usos domesticos.

Quem, na linda tarde de maio em que começamos esta narração, reparasse na cancella verde e nos degráos contiguos, veria ali duas pessoas, que mutuamente se tornavão notaveis pelo contraste de suas apparencias. O sol, de viva luz, semi-encoberto pelas ramas da floresta, e o céu matizado de flocos de neve aerea, parecião sorrir a uma e condemnar a outra, que mais condiria no resto com uma noite de chuva e de aspera ventania, como sóe haver por aquellas quebradas.

A primeira era moça; os vinte annos sorrião-lhe no talhe esbelto, nos pardos olhos e na leda physionomia; tinha abundantes cabellos de côr castanha, os labios rubicundos e sempre risonhos; trajava com elegancia e esmero roupa de côr branca. A outra era uma parda velha, com olhos aprofundados nas orbitas, de nariz adunco que supportava um par de pesados oculos, vestida de roupa escura, e dando em todos os seus modos demonstração de enfado e tedio. Semelhavão uma manhã de maio e uma noite de janeiro, a primavera do campo e o outono da floresta d'aquelles sitios, que uma parecia destinada a ornar, e a outra a obscurecer.

Se o espectador se approximasse e ouvisse a conversação, confirmar-se-hia neste juizo.

— Minha querida Paula, dizia a joven, estás sempre ralhando comigo por ter fé em Alberto. Em que fundas tu essas desconfianças? Não é elle um moço bom, dedicado, que vive só para amar-me, não trabalha senão para a nossa felicidade, e tem sempre para ti as maiores attensões e generosidades?

— Sim, sim, respondia a velha... a menina é ainda do tempo dos romances e cantigas de namorados; o mundo tem caminhado, e estamos na epocha das contas correntes. O seu boneco da cidade alimenta-a de promessas, e no fim de contas ha de deixa-la na orphandade, em que o senhor capitão, seu pai, tambem a deixou, por acreditar mais em santidades do que no interesse.

— Não falles de meu pai, Paula; pois se tu apenas lhe deves a liberdade, beneficio que te lembro só em respeito á sua memoria, devo-lhe eu esta alegria de coração com que elle me enriqueceo. Sem elle, minha cara amiga, eu seria uma menina vaidosa, avida de tafularias e prazeres; e como teria supportado os golpes da fortuna, que desde a infancia me tem maltratado?

A velha tirou da algibeira um lenço encarnado e assoou-se, para disfarçar o embaraço que lhe causára a reprimenda; e adoçando a voz, naturalmente rouca, volveo com melhor gesto :

— Eu não censuro seu pai, por cuja memoria sou devota; mas se por elle vio a menina que o ouro do coração não é a moeda que mais corre pelo mundo e mais valor merece, porque não escolherá para noivo pessoa que mais cuide da algibeira do que dos livros de versos?

— Eras injusta com meu pai, respondeo a joven; és agora peor para o pobre Alberto. Não gasta elle os dias inteiros á banca, trabalhando para re-haver-me a fortuna dilapidada pela má fé, e ajuntar tambem o peculio de que precisamos para nosso estabelecimento?

A moça volveo então os olhos para o lado da estrada em que esperava ver apontar o seu preferido, cuja presença a lembrança da sua dedicação tornára mais desejada. Mas em vez do elegante e discreto advogado da côrte, Julia, a orphãa do vallé, vio, já em direitura á sua casinha, um homem gordo, vermelho, montado em uma mula alta, e que vinha occupado em mirar-se com satisfação, olhando algumas vezes tambem para a sombra mobil da cavalgadura; pois pelos arreios de prata de que carregára esta, e pela escolha de trajés com que alindára o seu espesso corpo, parecia ter empregado todo o cuidado em ostentar-se como um homem magnifico. A moça, logo que o vio, empallideceo, franzindo os labios com desdenhoso sorriso; a testa, tão lisa e pura, enrugou-se-lhe, e virou a cabeça para evitar ser cumprimentada. Paula estudou em sua physionomia o effeito da apparição do rico cavalleiro, e pareceo ficar despeitada com aquellas demonstrações de má acolhimento. Levantou-se, compoz os seus cabellos rebeldes ao pente e o lenço de seda de côres vivas que trazia ao pescoço, e disse á moça :

— Vamos, minha senhora, ahi vem o Sr. José da Motta, que é um homem melhor e mais ajuizado do que o seu Alberto. É bom que se levante e o vá receber. Sabe muito bem que é hoje o seu unico credor, e deve ter com elle todas as attenções.

A moça deixou-se ficar sentada, e replicou com aborrecimento :

— Se é para pedir-me dinheiro que elle vem cá, não o tenho, e esta cast está ás ordens para cobrar-se, se quizer. Quanto a relações de amizade, não as quero com um homem em guerra viva com a grammatica e o codigo da civilidade. Se elle quizer ganhar em polidez o que lhe sobra em dinheiro, não duvidarei vê-lo, como se vê um animal qualquer curioso; mas por emquanto, aborreço-o, e as suas pretenções mais do que elle.

Paula entrou na casinha branca resmungando, e dirigio-se á porta da sala para receber o digno representante da aristocracia monetaria.

Entretanto ficou Julia pensativa no seu lugar. Largou a costura no regaço, e, encostando o rosto levemente sombreado na mão delicada, fitou os olhos na coma susurrante da floresta, que no alto das montanhas parecia festejar

com seu harmonioso murmúrio aquella tarde de luz e perfumes. Procuraria ella na alegria da natureza conforto para os desfallecimentos da fortuna, ou embalaria com aquelles effluvios da natureza a saudade do amante que lhe povoava a alma?

Alberto era tudo no mundo para a sensível joven. Orphãa, crescêra quasi ao desamparo, vendo os estranhos apoderar-se de seus bens. Aspirando ao amor, aos gozos do espirito, á vida partilhada com corações identicos ao seu, via-se confinada naquelle ultimo resto de seus teres, e só do advogado podia esperar melhores dias e menos triste futuro.

II

Apenas a velha entrou na sala, o cavalleiro apeou-se, amarrou o animal a uma estaca da cerca, e endireitou para a casa, batendo os tacões com toda a força para fazer resaltar o tinnir argentino das suas grandes chilenas. Logo que á entrada deparou com a velha, em cujo rosto um sorriso emprestado fazia negaças á natural disposição das feições, tambem deo á sua rubicunda cara, arredondada pela satisfação de si proprio, uma expressão vulgar de affabilidade. Syndicou com os olhos a sala, a ver se relanceava Julia; mas não a vendo, afagou a velha parda, que enrubeceo de prazer, esquecendo-se de que semelhante felicidade já não pertencia a um monumento de desenganos.

— Ora vivão as moças bonitas e os seus quindins! disse o vendeiro repim-pando-se em uma cadeira, e puxando para trás o chapéo com ar insolente. Cada vez a nossa Paula está mais sacudida e esperta!

— São favores do Sr. José; eu sei que já sou traste usado, e bom sómente para rezas e penitencias.

— Engana-se: ainda está fresca como um repolho. Mas como vai a pequena? Tocou-lhe na tecla? e estará disposta a trocar uma isenção sem vintem por uma posição segura?

— É preciso intimida-la, para ver se vai o negocio de afogadilho; quando não, o tal Alberto perde-nos todo o trabalho, e não haverá remedio senão entregar a bolada.

— Entra então, e vai dizer-lhe que hei mister de fallar-lhe já. Eu sei como se arranjam taes negocios.

A parda, dominada pelo olhar lubrico do gordo vendeiro, entrou apresada, enquanto este, esfregando as mãos, satisfeito com a concepção do seu plano, preparava-se para usar de toda a sua velhacaria com a pobre orphãa.

D'ali a pouco assomou Julia na porta. Vinha tranquilla, pisando de vagar,

com um sorriso de benevolencia desdenhosa, e fitando com elevação o recém-chegado, que, máo grado seu, levantou-se, fez muitas cortezias ridiculas, e ficou impossibilitado de fallar, pelo embaraço que lhe causava o porte e olhar da donzella.

— Sente-se, Sr., disse-lhe esta... Paula assegurou-me que o Sr. exigia ter uma conversação particular comigo : estou prompta a ouvi-lo ; queira começar.

O Sr. José da Motta virou e revirou o chapéo de feltro nas mãos ; mas as palavras fugião-lhe dos labios, e as ideias da cabeça. A parda notou a fraqueza do complice, e, para anima-lo, excitou-o.

— Ora o Sr. José parece ter receio da sinhá !

Vivo colorido assomou de novo ao rosto do vendeiro ; levantou a cabeça, e, voltando-lhe com o despeito o desfaçamento, disse á donzella :

— É verdade que lhe quero fallar ; pois, apesar de eu não ser credor exigente...

— É visitante insistente.

— Queira desculpar... porém como a quantia que me deve é avultada, e eu paguei tudo quanto a senhora devia para evitar que outros credores a mortificassem, penso ter jus á sua benevolencia... É verdade que não careço muito de dinheiro na minha posição...

O homem endireitou a cabeça, e assoou-se a um magnifico lenço de seda da India.

— Comtudo os tempos andão máos, uma quantia grande não se póde arriscar, e eu queria receber da Sra. D. Julia uma decisão a respeito dos negocios que ha annos tem comigo.

A moça enrubeceo tambem, e, um pouco envergonhada por não poder despedi-lo com a paga, respondeo-lhe :

— Sabe muito bem qual é a minha posição. Possuo livre apenas esta propriedade ; o resto dos meus bens estão em litigio com meus parentes. Se reconheci e obriguei-me pelas dividas de meu pai, que estão em seu poder, foi só para honrar a sua memoria, e sem consultar o meu advogado. Se quer esperar pelo fim do pleito, pagar-lhe-hei de contado, e grata lhe serei ; quando não, toda a propriedade está ás suas ordens para cobrar-se. Dar-lhe-hei o meu pão e o meu abrigo, e irei esmolar ; porém a memoria de meu pai ficará illesa.

Era occasião propria para intervir, e foi o que entendo a destra criada.

— O Sr. José, minha querida, parece-me que quer offerecer-lhe um meio mais prompto e facil de ficar livre do encargo, conservando os bens.

A moça ergueo os olhos humidos de lagrimas ; mas na sua humiliação havia a arrogancia de quem desafia a maior audacia.

— É verdade! exclamou o vendeiro lançando-se-lhe aos pés com arrebatamento. Ha muito que lh'o queria dizer, mas não tinha animo... Se quer unir-se a mim, não só será senhora dos seus bens, como do meu coração e dos meus capitaes; pois amo-a muito... e sou rico...

A joven deo dous passos para elle com o sorriso do escarneo e do desprezo.

— Então, replicou-lhe, pensa que tambem sou objecto de venda, Sr. homem rico? Levante-se e olhe-me em face. Porque comprou os titulos de divida de meu pai, e paga as despezas da demanda contra mim, pobre orphãa sem meios, pensa que ha de obter da miseria a riqueza e a posse que o seu orgulho e ambição lhe fazem desejar? Está enganado. Póde usar contra mim das suas armas. O Sr. é nobre da algibeira, eu sou-o do coração. Ha guerra viva entre estas duas potencias: não posso desposar um inimigo!

O Sr. José ergueo-se enraivecido, bateo com as botas no soalho, com a insolencia das pessoas do seu jaez poz o chapéo na cabeça, e dirigio-se a Julia com despeito:

— Pensa que me pisa com a sua aristocracia?... Não tenho medo da sua rhetorica... Ha de sahir d'esta casa, de que sou dono... Eu terei o gosto de dar-lhe esmola quando me passar pela porta... Falla-me de nobreza de coração!... no nosso tempo, quem governa o mundo é o dinheiro...

— Engana-se!... disse uma voz por trás d'elle.

E ao mesmo tempo uma mão vigorosa tirou-lhe o chapéo e lançou-lhe aos pés. Voltou-se: era Alberto, semi-irado, semi-risonho, correndo para Julia, que apertou nos braços com effusão.

O joven advogado, alto, de cabeça estreita, fronte espaçosa, respirando a elegancia em todos os gestos, era um perfeito contraste com a rotundidade do illustre ageitador de cabedaes.

— Minha querida, estamos salvos! bradou elle. Descobrio-se o trama que te embaraçava a demanda. Hoje sahio a sentença a teu favor. Vais pagar a este homem e despedi-lo. Deos abençoou o teu coração, porque soube crer e esperar.

Então a joven, debulhada em lagrimas, lançou-se de novo nos braços de Alberto, e beijou-o na frente.

O vendeiro, atarantado, levantou o chapéo, e retorcendo-o entre as mãos, e vendo desfazer-se o castello dos seus sonhos, perdeu a cabeça.

— E agora com quem hei de casar? exclamou elle... pois sempre pensára na minha vizinha!

O alegre advogado foi buscar Paula, pegou-lhe na mão, e, unindo-a á do Sr. José, respondeo a este:

— Casem-se, pois merecem-se : serão duas primaveras eternas, que estarão sempre murchas por não terem nunca fim.

Madrugada da vida! tu perfumas de generosidade todas as nossas acções, dás a crença na conquista do impossivel, e sancionas todas as nobres audacias com a victoria das vontades fortes : quando passa a tua hora de luz e verdores, a vida desliza-se sob um céu pallido, por leito de monotonas margens; todas as aspirações fallão, todos os affectos desfallecem, e só fica a descrença embalando o homem na rede da inacção!

REINALDO CARLOS MONTÓRO.





VIAGENS

O CONVENTO DA LUZ EM S. PAULO



odas as pessoas que tem visitado a heroica e antiga capital da provincia de S. Paulo devem ter dirigido as suas excursões em direcção de seus magnificos e pittorescos arrabaldes, e não esquecerão de certo, neste delicioso passeio, a parte da cidade que se desdobra para a banda da Ponte Grande, e se chama o sitio da Luz, em referencia ao mosteiro de freiras que lhe dá o nome.

Para os que já tiverão o prazer de contemplar o quadro d'essa risonha natureza, e virão esse painel tão digno das inspirações d'um artista, não acrescentarei eu nem mais uma palavra; seria esfriar-lhes com desbotadas côres os coloridos vivazes que por ventura a memoria ainda lhes conserva na imaginação; e não quero carregar com esse peccado na consciencia.

O mesmo não penso, porém, em relação áquelles que ainda não visitárão a provincia de S. Paulo, e é portanto para esses que vou tentar esboçar as impressões de um lugar que tanto frequentei, e de que conservo as mais doces recordações.

A pouco mais ou menos um quarto de legua da cidade, fica, depois de se deixar o seminario do Bispo á parte direita, e o Jardim Botanico á esquerda,

o bello convento da Luz, que pela sua pittoresca collocação e singela architectura convida logo a vista e a attenção do viandante.

Neste arrabalde da cidade encontra-se tambem a Casa da Correção, edificio importante, cuja interna administração é dirigida pelo digno Sr. coronel Machado d'Oliveira, a quem este estabelecimento deve a introdução de systemas e melhoramentos que o collocão hoje ao lado dos melhores e dos primeiros do imperio.

O seminario do Bispo é um edificio de vastas proporções, adornado de uma bonita igrejinha, e onde se estava terminando uma obra importante quando ali me achei: o Observatorio, levantado sobre a ala esquerda do monumento.

Quem sahe da cidade e segue pela rua Alegre a direcção que indicámos, vai admirando pelo caminho algumas casas elegantes que se achão nesta rua, umas já terminadas e outras em andamento, até chegar, indo a rua proporcionalmente alargando-se, a um vasto e espaçoso largo, cortado em linha recta pela estrada de Jundiahy, adornada de um e outro lado por alas de copados e frondosos arvoredos, a cujo largo se dá o nome de campo da Luz. É largo, bello, e merece a curiosa attenção do viajante.

As arvores que bordão e margeão a estrada são de uma belleza arrebatadora! Os seus troncos, mais ou menos regulares, elevão-se esgalhando-se em mil ramos, cobertos de virente e luxuriante verdura, que se balanção e gemem, respondendo á viração com doces lamentos e magoados queixumes! É como a entrada do Eden a magnifica avenida formada por essas duas filas de figueiras bravias, e outras arvores florestaes, que conduz o caminhante para as risonhas varzeas das ribas do Tyeté!

Fiz muitas vezes esse passeio deleitoso. Quem vai a S. Paulo não póde esquecer o campo da Luz! Ao cahir da tarde de um bello dia de junho, ha um não sei que de vago e melancolico em toda esta natureza, e no maravilhoso e fantastico horizonte que a rodeia! É uma dobra privilegiada da terra essa campina afagada pelo sol americano, e onde se respira as brizas embalsamadas que o rio, pouco distante, nos traz das florestas.

O Jardim Botânico, que fica, como disse, á mão esquerda do largo, pareceo-me inteiramente abandonado pela administração, apezar da concurrencia de passeantes que ahi afflue nos domingos de tarde. Achão-se ahi algumas arvores notaveis, canteiros com flores, porém pela maior parte sem cultura e cheios de folhas seccas, onde entre aquellas se notão pendões de cravos de um tamanho e belleza dignos de admirar-se. Todos os adornos d'este jardim, que deve ter sido muito bonito, estão destruidos, á excepção de algumas estatuas, que, como sentinellas sobre os tumulos, parecem ainda guardar aquelle triste e melancolico cemiterio de flores!

Deixando á direita o convento da Luz, ácerca do qual em breve me occuparei, segue-se em direitura a estrada por uma rampa suave até um aterrado que existe sobre os terrenos pantanosos das margens do rio Tyeté, no lugar denominado a Ponte Grande, porque ahi se encontra com effeito uma ponte que atravessa o rio.

Os pilares d'esta ponte são notaveis pela solidez com que forão construidos; mas o madeiramento que sobre elles assenta está mal preparado, e talvez o material que ahi se empregou não seja de qualidade propria para resistir ao continuado transito de viandantes e de tropas que a todo o momento cruzão neste sentido, dirigindo-se para os grandes e importantes municipios do sul do interior d'esta provincia.

A vista que se observa d'esta ponte é de um effeito lindissimo! Com as enchentes do rio conservão-se pequenas lagôas disseminadas pela varzea paludosa por onde costuma bracejar o rio, formando toalhas luminosas no meio da vivida vegetação dos combros de terra que se levantão como ilhas floridas, e onde pastão os bois e os cavallos, dando movimento á tranquilla solidão d'estas margens!

A agua e a verdura dos campos formão aqui mil contrastes pittorescos, e vê-se um bosque de bambús retratar-se no espelho argentino, um massiço de mato fugir pela encosta de alguma preguiçosa collina, ou a copada coma das arvores gigantescas debruçar-se gravemente sobre as aguas escuras e fundas do grande e caudaloso rio Tyeté.

Em uma d'essas limpidas e serenas noites de luar de S. Paulo é este espectáculo dos mais amenos e grandiosos! Muitas vezes passei horas inteiras encostado ao corrimão da ponte, e nunca me fartava de admirar estas scenas, que não podem deixar de impressionar a alma, e maravilhar a quem contempla o vigor, variedade e opulencia da caprichosa natureza americana.

Voltando ao convento da Luz, pouco me demorarei com a sua descripção. Desagrada-me medir os palmos de um edificio, e reduzir a uma noticia geometrica as proporções vastas ou acanhadas de uma obra, que é mais para se observar com o sentimento poetico e religioso que com os imprescriptiveis e regulares preceitos da exigencia da arte, e da prosaica technologia de nomes pouco euphonicos e semibarbaros.

O convento da Luz é muito bonito! Eis em que se resume tudo quanto eu posso dizer a seu respeito. Não pensem que é resultado de novas combinações de estylos architecturaes; que é obra de um grande mestre; que está adornado de ricos e esplendidos labores, e deslumbra pelo aspecto imponente de sua fachada ou pela vastidão de suas proporções; é pequeno, quasi rustico, humilde; mas é bonito! Alguns quadros a oleo que adornão as paredes de sua

igreja, algumas alfaias mais ou menos preciosas, resume-se nisto quasi toda a sua riqueza, e pouco mais encontrará o archeologo que tenha a ideia de o ir visitar; porém para o poeta, para o artista, para o homem de coração, para quem se enleva no sentimento do bello, o convento da Luz é e ha de ser uma cousa muito bonita!

Creio que, em lugar de apresentar ao leitor algumas ideias mais a respeito d'este mosteiro, será mais acertado confiar-lhe o manuscrito em que vem minuciosamente relatada a origem de sua fundação, e a vida de sua fundadora, Madre Elena do Espirito Santo, pedindo aos que lerem este escripto que não estranhem o mysticismo de sua linguagem, nem a insistencia sobre as mais minuciosas occurrencias que de sua acanhada existencia nos faz a autora, mas o analysem como um documento importante, que me foi confiado e pela primeira vez vê a luz da publicidade, dando-nos uma ideia clara e precisa dos sentimentos religiosos e da superstição barbara de tempos ainda tão recentes.

Eis o manuscrito :

VIDA DA MADRE ELENA MARIA DO ESPIRITO SANTO,

MESTRA E FUNDADORA DO RECOLHIMENTO DA LUZ DA CIDADE DE S. PAULO.

Elena Maria do Espirito Santo, filha legitima de Francisco Vieira Colaço e de Maria Leme do Prado, nasceo em Apiahi, bispado de S. Paulo, a 22 de maio de 1740, domingo de Pentecostes.

Um homem fidedigno e bom catholico, por nome Francisco de Paiva, affirmava que, morando em Apiahi, na vizinhança dos pais de Elena, avistára de seu sitio uma nuvem branca que cobria toda a casa d'estes, e que admirado de uma cousa tão rara, e que parecia sobrenatural, dirigio-se lá no dia seguinte, por ser aquella hora já tarde, e perguntando com disfarce o que succedêra naquella hora, veio a saber que nessa mesma occasião nascêra esta menina, que depois floresceo tanto em virtudes, principalmente na penitencia, pois desde então, naquelles dias assignalados pela Igreja para se jejuar, e mesmo nas sextas feiras e sabbados, Elena só aceitava o peito uma vez por dia, ainda que sua mãi instasse com ella mais vezes ao dia.

Pouco tempo depois do seu nascimento, mudárão-se seus pais para a freguezia de Paranapanema, do mesmo bispado. Desde logo começou Elena a dar muitos indicios de sua futura santidade, exercitando-se nas virtudes por continuos actos de obediencia a seus pais, de mansidão e caridade para com os

domesticos, sendo mui frequente no exercicio da santa oração, via sacra, e outros actos religiosos, tendo desde a mais tenra idade sete horas de oração entre dia e noite.

Porém o que mais espantava, e parecerá incrível, são as continuas penitencias que esta terra flor, estando ainda na infancia, exercia contra seu delicado corpo.

Por espaço de annos inteiros usou de cilicios sobre a carne, dormia com elles sobre a terra fria, macerando seu corpo com jejuns quasi não interrompidos, rasgando suas carnes com disciplinas de ferro, e procurando sempre para isto o silencioso e opportuno tempo da noite, arriscando-se a encontrar animaes ferozes, o que uma vez aconteceu-lhe, pois encontrou uma onça furiosa, a qual, invocando Elena o santissimo nome de Jesus, fugio com uma estranha celeridade.

Não tendo mais idade que sete annos, foi-lhe necessario acompanhar seus pais, que sahirão a um descoberto de ouro, distante alguns dias de viagem da casa em que residião; e como Elena não podia preencher no decurso do dia o tempo de seus exercicios de devoção e mortificação, esperava nas pousadas que adormecessem todos, e pela alta noite retirava-se aos matos, servindo-lhe de pharol os fogos que fazião os da sua comitiva, e ali, sem ser apercebida, açoutava-se com o maior rigor.

Supponho que foi nesta occasião, ou em outra da viagem, que Elena, indo por um caminho em que faltava agua de beber em muita grande distancia, sentio uma grande sêde, e pedindo a seu Creador lhe diminuisse a sêde, pois receiava não ter forças para soffre-la, foi então que lhe appareceo um mancebo muito formoso com uma pucara de agua; e bebendo ella, nunca mais teve sêde em toda a sua vida.

Tendo chegado á idade de dezasete annos, veio para esta cidade de S. Paulo, com destino de entrar no recolhimento de S. Theresa na qualidade de serventa, por ser muito pobre; e em todo tempo em que se dedicou a este emprego, deo mostras da maior humildade e caridade, fazendo-se admirar das recolhidas pelas virtudes sobrehumanas que praticava; pois quanto era prompta em servir as religiosas, tanto era de austera nas mortificações que se dava a si propria.

Depois de ter servido muitos annos as ditas recolhidas com grande alegria, por ser este estado o mais humilde, e por isso o mais conforme á sua ardente caridade, professou finalmente, por esmola que lhe fez o Rev.^o Dr. Manuel José Vaz, o qual quinze annos foi seu confessor.

Foi então que ella começou a brilhar mais que nunca nas virtudes religiosas. Tendo renunciado ao mundo por um voto, ella determinou não possuir

cousa alguma de propria, e por isso rejeitou constantemente todas as esmolas que lhe offerecião alguns devotos, e até as de seus proprios confessores, não possuindo mais que um habito, e uma caixinha velha com algumas bagatelas de nenhum valor.

Jejuava todos os dias a pão e agua, e ainda mesmo este pão comia em mui pequena porção, e só ao jantar; ás vezes passava dias inteiros sem comer cousa alguma, e chegou este excesso não só a tres dias, como tambem mais de uma vez a cinco dias continuos. Era tão ardente sua caridade, que ficava muitas vezes publicamente arrebatada e transportada fóra dos sentidos.

Era notavel pelo recato e compostura de rosto e olhos, os quaes nunca levantava; e por isso a ninguem conhecia pela figura; nem aos proprios seus confessores, mais que pela falla, o que deo occasião a que o inimigo commum do genero humano quizesse tentar esta serva de Deos, que tanta guerra lhe fazia, apparecendo-lhe varias vezes debaixo da forma de alguns de seus confessores; mas o discernimento de que ella era dotada, e os efficazes auxilios do céo, a fizerão sempre triumphar do espirito de soberba, obrigando-o com actos da mais profunda humildade a desmascarar-se e manifestar seu orgulho.

Estava porém o tempo chegado d'esta heroína da religião tornar patentes suas virtudes e as graças de que Deos a havia adornada, e de preencher a vocação para que o mesmo Senhor a destinava. Tendo portanto Elena por seu confessor ao Rev.^o. Frei Antonio de Sant' Anna Galvão, começou a communicar-lhe varias revelações de nosso Senhor, pelas quaes lhe ordenava fundasse nesta cidade de S. Paulo um recolhimento; mas este religioso devoto, e ao mesmo tempo prudente, desviou-se de entrar logo nas vistas de Elena, desejando primeiro profundar mais um negocio de tanta ponderação, e ter mais certeza da vontade de Deos sobre este ponto.

Foi depois que Deos se dignou apparecer a esta sua esposa querida, rodeado de ovelhas, umas nos braços, outras pelos hombros, e outras tentando subir por seu corpo, e disse-lhe :

« Eis-aqui estas minhas ovelhas, que procurão um aprisco para recolherem-se, e não o encontrão; pois vós, querendo, podeis subministrar-lhe um, fundando um convento em cumprimento de minha vontade. »

Elena portanto, depois de ter conseguido de seu confessor a approvação que este antes lhe negára, cheia de confiança em Deos, deo os primeiros passos para esta grande obra, escrevendo ao governador e capitão-general que então era d'esta capitania, o Ex.^{mo}. D. Luiz Antonio de Souza, uma carta pelo teor seguinte :

« Ill^{mo}. Ex^{mo}. Sr. Governador, Capitão-General,

« O patrocínio de Nossa Senhora, e aquelle amor eterno e infinito em que Deos ama as suas creaturas sem principio nem fim, que obrigou a unir-se á humana e fragil natureza, e padecer e morrer por nosso amor, e por todos igualmente sem excepção nem isenção de pessoas, mova na alma e coração de V. Ex., o mova a relevar as minhas faltas e perdoar o meu atrevimento, e juntamente a causa que me obriga, que é a maior gloria de Deos e de sua Mãe e Senhora Nossa Maria Santissima, a cujo amparo me acolho, e levo por valia aos pés de V. Exc., onde me prostro com a humildade da mais vil escrava, e peço pelas dôres da mesma Senhora e pela sua Immaculada Conceição, e pelas chagas de Nosso Senhor Jesus Christo, por amor de minha madre S. Theresa, a benção, licença e amparo de V. Exc., que está em lugar de Deos, e em seu nome governa o seu povo, para fundar um recolhimento com o titulo e antiga observancia de Nossa Senhora do Carmo e Divina Providencia, em uma vida e pobreza evangelica, não por descontente da santa vida que escolhi e vivo, mas por cumprir a vontade de Deos, para sua maior honra e gloria, para augmentar o seu reino, e de Sua Magestade Fidelissima, que o mesmo Senhor guarde e conserve em sua divina graça; pois os religiosos tambem são seus fieis vassallos, que sem soldo defendem a sua corôa com suas orações contra os inimigos visiveis e invisiveis, e a V. Exc., a cujo devoto affecto se dedica esta obra, por não haver no seculo e tempo presente sujeito mais digno de semelhante emprego para os bons successos e acertos do seu bom governo, augmento espiritual e temporal de toda a sua nobre casa e familia, e em particular de meu devoto pai o Sr. D. Affonso Botelho, que me faz a honra de ser meu bemfeitor, a quem em segundo lugar fica dedicada a dita obra, que para ser toda de Deos me escolheo a mim, instrumento mais vil e fraco, para que mais resplandecesse a sua misericordia, e se estenda e augmente a sua santa fé; ainda que fio e espero todo o segredo de V. Exc., mas por cautela peço a V. Exc. não saiba por ora, em quanto não dou parte a minha prelada, mais do que o meu confessor, por cuja via envio e espero resposta de V. Exc., ou do muito Rev^o. Sr. Frei Antonio Galvão, ou Frei José do Amor Divino, porque são os que sabem do particular; porque eu quero saber primeiramente a vontade de V. Exc. para acertar na de Deos, que guarde a V. Exc. em sua divina graça para sempre.

« Recolhimento de Santa Theresa d'esta cidade de S. Paulo, quatro de novembro de mil setecentos e setenta e tres.

« De V. Exc. obediente subdita e humilde escrava,

« ELENA MARIA DO SACRAMENTO. »

O general, depois de ter maduramente reflectido, e consultado o governador do bispado, que então era o Rev.^o. Conego Antonio de Toledo Lara, respondeo-lhe no dia de Natal, tendo ella já solicitado anciosamente pela resposta, a qual é pelo teor seguinte :

« Minha Senhora,

« Eu do modo possível agradeço a Vm. o favor que me faz de me escolher para instrumento das suas disposições; muito ditoso seria se acertasse, entre tantos defeitos que tenho, a cumprir alguma cousa do divino agrado, por que merecesse ser attendido de suas immensas misericordias. Eu estou com um grande desejo de que se complete esta obra, que me parece ser util para a salvação de muitos, e hontem, antes de receber sua carta, já eu tinha fallado com o Sr. governador do bispado, e nos animámos um a outro para tirar a publico esta empreza, e esta tarde lhe pretendo tornar a fallar para abreviarmos quanto fôr possível. Eu estou muito prompto para todos os gastos que se precisarem para as accomodações do edificio e da igreja, e sómente desejava muito o que vou a referir-lhe. Primeiro, que houvesse lausperenne diante do S. Sacramento, assim como se pratica no convento do Lourical, e á sua imitação na capella da minha casa de Matheus; segundo, que a padroeira fosse Nossa Senhora, com o titulo dos Prazeres, para que se perpetuasse a sua festa, como sempre lhe fiz no sitio da Luz, e como sempre se fez na minha casa de Matheus, para cuja festa eu darei a providencia necessaria, instituindo uma irmandade; terceiro, que Vm. e suas companheiras devotas, entre suas orações, fizessem commemoração de bom despacho de tres petições que de muito tempo trago no tribunal divino, as quaes são : primeiro, a minha salvação, e se tanta fôr a divina misericordia, tambem a de minha familia e dos successores da minha casa; segundo, um grande e especial acerto nas minhas disposições para que se sigão muitos serviços a Deos, e a nosso Rei, e a seus estados, para bem do seu povo; terceiro, a conservação, duração e felicidade da casa de Matheus, para que sempre vá em augmento a devoção, veneração, milagres e favores que Nossa Senhora do titulo dos Prazeres ali permite, para que sempre vá em augmento o seu culto, e se conserve ali o S. Sacramento, que lá temos para nossa consolação, e penhor da eterna gloria. Isto desejava que fosse sempre pedido neste novo recolhimento de que Vm. me escolheu por protector, e o mais que Deos Nosso Senhor vir eu necessito, tudo em ordem á sua maior honra e gloria. Nestas petições lhe peço segredo, e agora lhe peço tambem me assista com as suas orações, pois me vejo com grandissimos cuidados e perigos de que só Deos Nosso Senhor me póde livrar.

« É o quanto se me offerece a expôr nesta occasião, pedindo-lhe muito queira

tomar por sua conta o que lhe rogo, que eu tambem de boa vontade me offereço e disponho para tudo quanto me recommenda.

« Deos Nosso Senhor assista com Vm.

« Dia de Natal, vinte e cinco de dezembro de mil setecentos e setenta e tres.

« De Vm. o mais verdadeiro e muito fiel cativo.

« D. LUIZ ANTONIO DE SOUZA.

« *Senhora Elena Maria do Sacramento.* »

Mas o nosso commum inimigo não poude ver sem a mais entranhavel raiva que tudo se dispunha a ajudar os fieis intentos de Elena, que a nada menos se dirigião que a edificar uma fortaleza inexpugnavel contra a qual se quebrarião as mais fortes armas de que elle se valesse; buscou portanto todas as tramas e ardis imaginaveis para transtornar esta obra tão santa, já causando grandes motins, já apparecendo debaixo de formas hediondas a esta serva de Deos, objecto de seu maior rancor.

Porém de tudo soube triumphar a constancia d'esta mulher forte, que se sujeitou a passar por um rigoroso exame das revelações que Deos lhe tinha feito, da parte de todos os mestres ecclesiasticos que então existião nesta cidade, e até á vespera de sua partida para o novo recolhimento.

Finalmente, a dous de fevereiro do anno de mil e setecentos e setenta e quatro, forão ao recolhimento de S. Theresa o general D. Luiz, o governador do bispado, o ouvidor José Gomes, o Rev^o. cura José Xavier, e o Rev^o. Frei Antonio de Sant' Anna Galvão, com outros cavalleiros e pessoas distinctas d'esta cidade, ao romper do dia, e a regente d'aquelle recolhimento o entregou á fundadora madre Elena, e por companheira sua sobrinha madre Anna da Conceição; e ali se embancárão estas em duas cadeiras que para este effeito se tinham preparado, e com o maior segredo forão acompanhadas pelas pessoas acima referidas, ignorando tudo isto até as proprias recolhidas d'aquelle recolhimento.

Chegando á capella da Senhora da Luz, o general entregou as chaves da dita ao Rev^o. Frei Antonio de Sant' Anna Galvão, e recolheo-se com a mais comitiva para a cidade, onde assistirão á funcção da benção da cera na cathedral, sem fazer a menor falta, e ninguem soube d'esta mudança até que começou a publicar-se por meio de algumas pretas que passarão pelo novo recolhimento.

A oito do mesmo mez deo o Ex^{mo}. Sr. bispo D. Frei Manuel da Ressurreição o habito de Nossa Senhora da Conceição da Divina Providencia não só á funda-

dora e a sua sobrinha, como a mais sete noviças que já tinham entrado para aquelle novo recolhimento, que ficou desde então intitulado — Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Luz da Divina Providencia.

Passados oito dias, mandou o mesmo Ex^{mo}. Sr. bispo ao padre Guimarães, que então era o Rev^o. Frei Fernando, que recebesse a profissão da fundadora e mestra d'aquelle novo recolhimento, em cujo dia o general D. Luiz fez a festa de Nossa Senhora.

Mas parece que Deos Nosso Senhor só queria provar a caridade, constancia, fortaleza e mais heroicas virtudes de Elena; pois, apenas se concluiu esta grande obra, que lhe tinha custado tantas fadigas, tormentos e contradicções, em vez de gozar tranquillamente dos fructos d'ella, Deos a chamou para si, para dar-lhe o premio muito mais solido. No dia vinte e tres de fevereiro do seguinte anno de mil setecentos e setenta e cinco, acabou Elena sua peregrinação e seus trabalhos, morrendo santamente, depois de ter soffrido por espaço de oito dias uma dôr aguda como de colica; e foi sepultada no dia seguinte, dia de S. Mathias.

Mandou logo o Ex^{mo}. Sr. bispo que nomeassem tres irmãs d'aquellas noviças, uma para regente, outra para porteira, e outra para mestra, e que professassem; o que se fez no dia tres do seguinte mez de março do mesmo anno, professando a irmã Maria da Conceição para regente, irmã Anna da Conceição para porteira, e irmã Gertrudes das Chagas para mestra de noviças.

Parecia este o lugar proprio para se fazer uma recapitulação das raras virtudes de Elena; mas, além de termos dado no decurso de sua vida uma sobeja ideia das graças com que Deos Nosso Senhor a enriqueceo, parece melhor transcrever aqui uma relação original da propria, escripta por ordem de seu confessor, o Rev^o. Frei Antonio de Sant' Anna Galvão, o qual para melhor, e para que disfarçadamente encobrisse o seu intento, lhe disse d'esta forma: « Irmã, isto é para eu approvar ou reprovár, conforme o que parecer melhor. »

Obrigada então fez esta pequena denuncia das suas penitencias, exercicios espirituaes, e sentimentos internos de seu espirito por graça particular em sua alma, principiando do modo seguinte:

« Não sei como quer meu Senhor e Padre da terra que eu diga tudo o que meu Pai e Senhor do céu fez comigo desde que me creou; porque, se quero fallar da oração, que é a alma da minha vida, a vida da minha alma, me sinto logo estremecer; mas, ternando-me a alentar nas chagas do meu Creador, digo que toda a minha existencia é uma hora de oração, ou uma oração continuada; porque em toda a occasião, tempo e lugar, estou em oração e presença de Deos, quanto é da minha parte, sempre com ajuda do céu, fazendo

por que me não esqueça, com muitos e frequentes actos de amor de Deos e do proximo, de dôr e contrição, de meus peccados, com firmes propositos de emenda de vida e de não peccar, e de antes morrer mil vezes, que ainda agora parece se me aperta o peito com este desejo na occasião de escrever; e na conformidade, que é o que mais me consola nas maiores desconsoações, que nunca é muita, porque esta senhora das virtudes adoça e causa consolação, onde não ha, e assim com ella não tenho doença, trabalhos, nem secura que se me não torne em consolação; e assim não tenho experimentado esses trabalhos de secura e desconsoações que se diz, porque Deos não fia de mim esses trabalhos; quando muito é, quando cessa a infusão e consolação que Deos me dá, sem eu querer, porque eu só quero padecer por seu amor e graça para não peccar; que mais me dá elle de graça só pela sua bondade; e cessando, como digo, o que só por si faz, é quando eu tenho oração com mais alguma diligencia de meditar, e fazer actos, vencer os pensamentos e as tentações é o mais que eu faço, assim na oração como fóra d'ella, assim como na saude que jámais tenho como na mais grave enfermidade; e ainda que agora, com a violencia da cabeça, alguma vez parece que me esquece sem me esquecer, porque a luz exterior logo desperta e aviva a lembrança. Agora para fallar do mais interior, não alcanço, como rude; mas a obediencia que me obriga me ensinará com ajuda do Senhor, que me assista com nossa luz interior, que me alumia o entendimento, inflamma a vontade, e recolhe a memoria, desoccupando-a dos pensamentos e outras confusões que ás vezes com as molestias e tentações que me opprimem e offuscão as potencias interiores, ou a meu parecer exteriores, pois a luz, e união que sentem, ha participado de outras mais superiores da alma, que é assistida de maior luz e claridade superior, e a meu parecer sobrenatural; mas vossa paternidade me perdoe, que nestas cousas interiores não posso fallar nem tratar sem que me estremeça o coração e as mãos; e assim passo para diante.

« Costumava ter sete horas de devoção quando tinha saude, e ainda agora doente, porque faço como posso, tres horas de manhã á madrugada, uma por uma hora do dia, duas á noite, e, de mais d'isso, duas pouco mais ou menos antes e depois da communhão; d'estas não faço menção por não ter tempo certo; porque ás vezes é mais cedo, outras mais tarde, e outras porque me confesso; mas não deixo de ter e fazer o que posso; pois é este o tempo mais suave, doce e favoravel para o trato do Senhor, que é o que com tanto amor se deixa receber. Quando mais gosto sente a minha alma, pouco mais ou menos com mais ou menos distincção conheço quanto dura a forma, quando e como se diminue e desfaz, que algumas vezes como por favor especial me parece se conserva mais tempo de meia hora, até uma hora; mas ou seja mais

ou menos tempo, sempre sinto como e quando se vai diminuindo, e desfazendo-se todas as particulas, e em quanto se não desfaz o todo em cada particula, na mais diminuta parte está de tal modo Deos todo, que me faz tremer para dize-lo; mas em cada parte que está assim, é como só um que está em toda a parte; e desfazendo-se tudo, fica na alma com toda a divindade, e possuido todo o corpo e membros d'elle; por quanto a alma está em toda ella, e algumas vezes me parece que não se consome, porque sinto os mesmos effeitos, como quando recebo de novo, tão viva e verdadeira a presença, que quanto mais adiante, parece que luz, e graça se communica á alma de novo até outra communhão.

« E quando não hajão estas sensibilidades, que se quer ausentar como violento, para eu não cuidar que seja já bemaventurança por ser preciso padecer, fica como ardendo o lugar onde costuma ficar a sagrada forma, que a meu parecer é bem na bocca do coração, como um lugar de fogo quente, esperando com ancias e desejos inexplicaveis a vinda do dono do lugar para de novo arder; o mesmo Senhor seja para sempre bendito, para sempre, sem fim.

.

« Rezo a corôa seraphica de Nossa Senhora, a corôa das sete dôres da mesma Senhora, o seu rosario, com muito gosto e devoção, e attenção a seus mysterios, e consolação de minha alma, com amor e confiança na Senhora. Em cada terço e mysterio: no primeiro mysterio, ou terço dos meus bemfeitores, e padres espirituaes e temporaes; o segundo, por meu padre Vaz; o terceiro, por todos os meus parentes, e almas do purgatorio; o quarto, por meu pai e mãe, e mais as corôas de Nossa Senhora. Mas como é muito da minha devoção o santo rosario, se o não rezo como devo, augmento petições e repetições de orações aos seus mysterios. No primeiro mysterio rogo por todas as necessidades do mundo, e por mim mesma peço humildade para mim, e para todos conformidade; no segundo mysterio, por todos os parentes, e peço caridade para mim e para elles; no terceiro, peço por meu pai e mãe, e por todos os pobres, para que o sejam de espirito, e peço a virtude da pobreza para todos e para mim, que amo mais do que a minha mãe; no quarto mysterio, rogo por todos os religiosos e subditos, assim ecclesiasticos como seculares, para que todos se sujeitem aos preceitos e ordem de seus prelados com a mais cega obediencia, e peço esta virtude da obediencia para mim e mais elles; no quinto mysterio, rogo por todos os que padecem secura, e trabalho de tentações, e desmaios, de Deos na oração, e peço a virtude da conformidade e da perseverança para que não tornem atrás, ou larguem por medo dos trabalhos a santa oração, antes perseverem nella com valor e fortaleza.

« Ao segundo terço e primeiro mysterio, rogo por todos os que estão em peccado mortal, para que se convertão ao fructo da redempção, e peço a virtude da fortaleza para a emenda dos peccados e para não peccar; no segundo, por todos os engeitados e pessoas desprezadas no mundo ou do mundo, e peço a virtude da paciencia no soffrimento, e desnudez assim do espirito como do corpo; no terceiro, rogo por todos os prelados, e pessoas que padecem cuidados e pensamentos, e peço a sinceridade e recta intenção para não consentir, e julgar mal, senão bem, deitando tudo a boa parte; no quarto mysterio, peço pelo Summo Pontifice, Rei, e por todos mais ministros ecclesiasticos e seculares, para que todos carreguem com gosto a carga de suas obrigações, e peço a virtude da fortaleza nos trabalhos; no quinto mysterio, rogo pelos infieis, para que todos se convertão a Santa Fé, e logrem o fructo da redempção, a vontade de Deos.

« No terceiro terço e primeiro mysterio, peço a virtude da fé para os que a não recebêrão ainda, e resuscitem em graça, com os meninos e crianças innocentes, e os que estão nella para que a não percaõ; no segundo mysterio, rogo pelas almas do purgatorio, peço a virtude da Esperança para todo o mundo se salvar; no terceiro mysterio, rogo por mim e meus confessores, para que todos sejam cheios do Espirito Santo, e abrasados e consumidos de seu amor, e mais amor, e por todas as pessoas afflictas e desconsoladas; no quarto mysterio, rogo por todos os que estão em agonia de morte, e peço a virtude da contrição e dôr dos peccados para mim e mais elles; no quinto mysterio, por todos os contemplativos, para que acertem o perfeito caminho das virtudes, e espirito verdadeiro, com verdadeira união e amor de Deos; o mesmo é nas mais rezas, que em tempos e dias signalados tenho repetido; vias sacras, missas, visita de altares, terço e coròas dos santissimos nomes de Jesus e Maria, junto com as mortificações que agora não faço, por isso não fallo nellas, senão só dos sentidos, que sempre faço a diligencia para que vivão recolhidos; mas digo o que fazia de penitencia, quando podia.

« Jejuo cada dia aos domingos e dias santos, e os offereço pelo que me parece; os mais d'elles é pelos peccados do mundo, em particular pelos da gula, para que Deos me livre e a todos d'elles; e peço a virtude da abstinencia e obediencia.

« Tomava disciplina todos os dias por espaço de tres misereres: o primeiro pelos que estão em peccado mortal, o segundo pelas necessidades da igreja, o terceiro pelas almas do purgatorio. Trazia cilicios todos os dias por alguns annos, sem os tirar de dia nem de noite; dormia na terra sem mais forro nem cobertura que a roupa do corpo, depois na taboa do sobrado, agora algumas vezes na cama que não parece cama; outras mortificações por tempos e dias

differentes, de não comer nada um dia inteiro, dous, tres e até cinco já cheguei; e em alguns dias mais devotos, como de quaresma, dias de festa, ou de Nossa Senhora do Espirito Santo, de alguns santos mais da minha devoção, que são muitos no anno, augmentava ou dobrava mais todas as devoções ou mortificações. Como não me concedêrão andar descalça, como desejava, quando me calçava era com pedrinhas entre os sapatos, corôas de espinhos, cordas de sedenho, corôas, digo cruz e espinhos para varios exercicios, como mais ou menos genuflexões, prostrações, andar de rastos pela sala ou côro, com a lingua a rastos como o mesmo corpo, que alguma vez se feria, e esfrolava, como os pés; outras vezes com bofetadas, que quando eu não sentia me ficavão as faces denegridas, que suppunhão melancolia, e batendo nos peitos, o que ainda agora faço, que algumas vezes parecia que quebrava o peito com a força da dôr, que pouco mais ou menos sempre tenho, e quanto mais a sinto, mais a desejo sentir por amor mais e mais a Deos, tudo para sua maior gloria e honra, para que seja cada vez mais louvado, e engrandecido de suas creaturas, pelo que era comigo.

« Commungo todos os dias como não sei dizer, cento e cincoenta vezes pouco mais ou menos, espiritualmente, com outros tantos actos antes e depois de cada uma vez, de sorte que algumas occasiões juntão-se umas com outras communhões, que ficão em uma continuada, como em um desejo actual e vontade continua de vos receber, digo a vós, meu Deos. Os actos não me detenho a dividir quaes são, por serem muitos e os mais proprios para receber, e em acção de graças, que ás vezes se repetem todos juntos de uma vez, e outras muitas de virtudes diversas, differentes mysterios, e da vida, paixão, morte e resurreição do Senhor, do Espirito Santo, de Nossa Senhora, e mais attributos divinos e humanos; faço quarentenas, diversas novenas, trezenas, que não posso dizer todos, as ruas e actos, e miudezas do com que os faço, porque só a da Conceição ha de acabar o papel se eu fizer a explicação; e assim faço mais ou menos em outras festividades, novenas das solemnidades das mais festas, renovando os votos e devoções, e acrescentando outras muitas orações, sobretudo na quaresma; pois quando eu podia, só as mortificações e penitencias, e meditação na Paixão, que é ainda com o que me acho, era o meu somno e sustento.

« *Do officio divino.* — Não sei como entro a fallar em uma cousa que só o nome me enche a alma de consolação, e cada palavra d'elle é como um botão, ou chamma de fogo, que arde ou se acende em minha alma e coração, que me faz resuscitar da morte á vida, me sustenta em alegria e me consola, me faz como sarar, que me faz romper a voz não sei como, lendo ou rezando, estando com a cabeça voando ou para reventar, que me faz não saber como rezo no

exterior; mas sei que a voz que me sahe é Deos, que tambem tem esse nome de Voz, digo, como espirito que é d'elle, e movido por elle, e o mesmo é nas palavras; mas sei por devoção que forão pronunciadas, porque não posso applicar a cabeça nem a vista, pois soffro de tal sorte que desatino, e muitas vezes sem sentir, só levada do desejo e vontade fervorosa, que me envergonha dizer; mas pelo lodo mais immundo corre a mais bella agua, sem que a perturbe nem impeça sua corrente.

« O meu primeiro nocturno, tenho-o offerecido sempre á Santissima Trindade em acção de graças por aquelle amor eterno e infinito com que nos amou desde a eternidade, ama, e amará para sempre. »

.

Não poudo continuar, porque logo se seguio a enfermidade da qual morreo, na era de mil setecentos e setenta e cinco, assistida do mesmo seu proprio confessor Frei Antonio de Sant' Anna Galvão, que attesta ser toda esta narração fielmente transferida do seu original.

Frei A. de Sant' Anna Galvão. — 1811.





POESIAS

O PESCADOR

Voga! voga! ó canoinha,
O' meu amor!
Tu que és do mar a rainha,
Não temas as ondas bravas,
Porque são ellas escravas
Do pescador!

Ao vento te entrego as velas,
O' canoinha!
Guiar-nos-hão as estrellas
Que brilhão no firmamento.
Não temas o mar e o vento,
Porque és rainha!

Mil badejos eu contente
Quero pescar!
Aqui, onde eu sou potente!
Aqui, nestas ondas alvas!
P'ra depois nas praias calvas
Ir dormir!

Voga! voga! ó canoinha,
O' meus amores!
Tu, só tu, és a rainha
Que dominas neste mundo
Onde são peixes no fundo
Habitadores!

A lua além se levanta
De seu leito!
Ai! quanto sua luz me encanta!
Ai! quanta saudade inspira!
Ai! como d'amor delira
Este meu peito!

Surgio como qu' encantada
Do céo d'anil!
Ei-la no mar retratada!
Ei-la no mar se lavando,
Alvas conchinhas beijando
A mil e mil!

Parece na praia nua
Sonhar amores...
Fitando os olhos na lua
Talvez ora esteja a fada
Que faz-me a vida encantada
Cheia de flores!

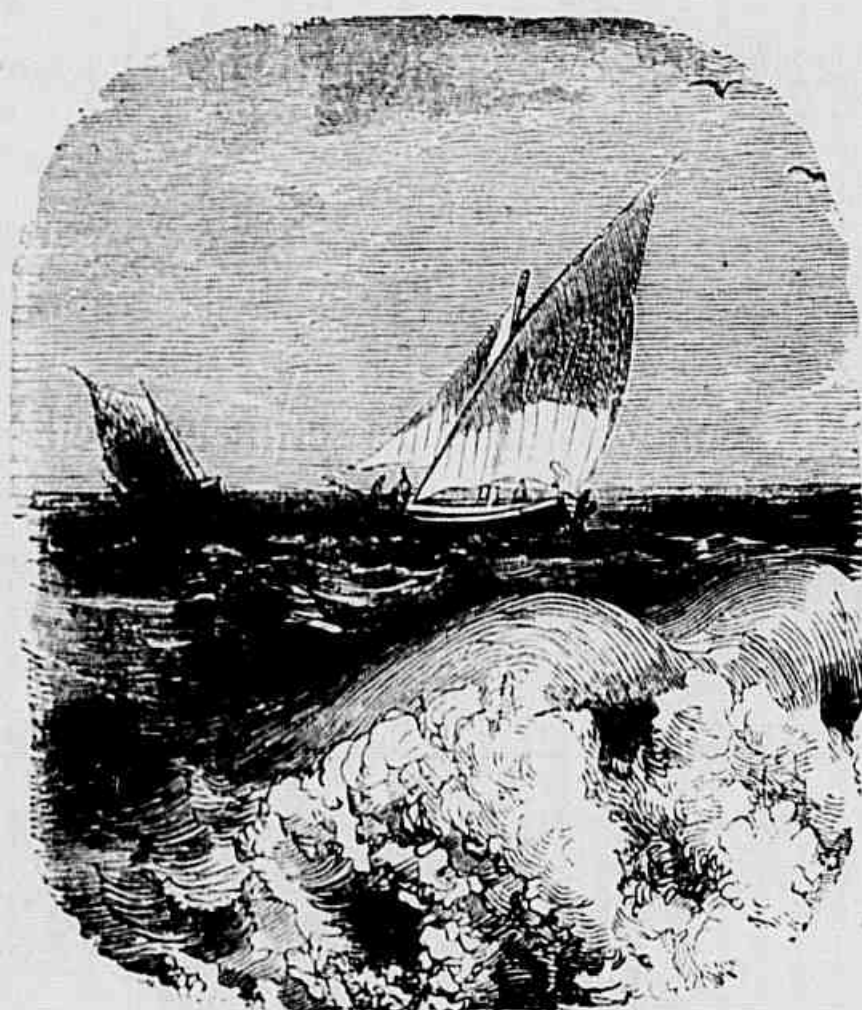
Sê ligeira!... O' canoinha!
Olha a vaga...
Dize altiva: — Sou rainha;
Não temo grandes bramidos
Dos ventos enfurecidos
No mar que alaga!

Olha o mar que s'encapella,
O' meu amor!
Espera!... eu já colho a vela,
E vou levando-te a remo...

Mas estou forte... não temo
O seu furor!

Voga! voga! ó canoinha,
O' meu amor!
Tu que és do mar a rainha,
Não temas as ondas bravas,
Porque são ellas escravas
Do pescador!

JOSÉ ELISIARIO DA S. QUINTANILHA.





MODAS

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

TRAJOS DE FANTASIA.

Menino. — Vestuario siamez. Tunica de setim amarello; collete de velludo roxo; manta de lãa de camelo segura ao redor da cintura por um cinto com fivelas de ouro e esmaltes; collar de ouro e perolas; barretinho siamez; chinelas de setim branco e ouro.

Joven senhora. — Vestuario do tempo de Henrique II^o. Vestido de velludo verde, de cauda, com compridas mangas cahidas, todo guarnecido com uma beirinha de arminho, e aberto para deixar ver um vestido de debaixo de tafetá branco guarnecido com passamanaria de ouro; mangas de garça com fofos, seguras por galões de ouro; *châtelaine* de ouro e esmaltes; barrete de velludo preto, enfeitado com grossas perolas e um pennacho de plumas.

Moça. — Lacaia do tempo de Luiz XV. Saia de tafetá azul claro, apanhado sobre uma saia de cassa branca; corpinho degotado, de velludo preto, com mangas abertas até o cotovello e guarnecidas com rendas brancas; avental de cassa branca recortada; fichú encruzado sobre o peito e apanhado por uma rosa; laços de fitas azues nos hombros; touquinha guarnecida de fitas azues.

Menina. — Vestuario oriental. Calças largas e franzidas, de setim amarello; tunica de tarlatana branca, com mangas largas; corpinho e manta de tafetá côr de cereja bordados de ouro; cinto de ouro e esmaltes; collares de ouro; correntes de ouro e sequins nos cabellos; chinelas do Levante de tafetá côr de cereja, bordadas de ouro.



JORNAL DAS FAMILIAS

Março de 1864



MODAS

DESCRIÇÃO DO FIGURINO DE MODAS.

TRAJOS DE FANTASIA.

Menino. — Vestuario siamez. Tunica de setim amarello; collete de velludo roxo; manta de lãa de camelo segura ao redor da cintura por um cinto com fivelas de ouro e esmaltes; collar de ouro e perolas; barretinho siamez; chinelas de setim branco e ouro.

Joven senhora. — Vestuario do tempo de Henrique II^o. Vestido de velludo verde, de cauda, com compridas mangas cahidas, todo guarnecido com uma beirinha de arminho, e aberto para deixar ver um vestido de debaixo de tafetá branco guarnecido com passamanaria de ouro; mangas de garça com fofos, seguras por galões de ouro; *châtelaine* de ouro e esmaltes; barrete de velludo preto, enfeitado com grossas perolas e um pennacho de plumas.

Moça. — Lacaia do tempo de Luiz XV. Saia de tafetá azul claro, apanhado sobre uma saia de cassa branca; corpinho degotado, de velludo preto, com mangas abertas até o cotovello e guarnecidas com rendas brancas; avental de cassa branca recortada; fichú encruzado sobre o peito e apanhado por uma rosa; laços de fitas azues nos hombros; touquinha guarnecida de fitas azues.

Menina. — Vestuario oriental. Calças largas e franzidas, de setim amarello; tunica de tarlatana branca, com mangas largas; corpinho e manta de tafetá côr de cereja bordados de ouro; cinto de ouro e esmaltes; collares de ouro; correntes de ouro e sequins nos cabellos; chinelas do Levante de tafetá côr de cereja, bordadas de ouro.



JORNAL DAS FAMILIAS

Março de 1864

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE MOLDES.

MOLDE DE CORPINHO DE CASAQUINHA. — Este corpinho é liso e afogado; a guarnição, posta por cima, e cujo lugar acha-se marcado no molde, imita a forma de uma casaquinha.

Nº 1. — Frente do corpinho.

Nº 2. — Costas.

Nº 3. — Pequeno lado.

Nº 4. — Manga.

MOLDE DE PALETÓ PARA CRIANÇA DE DOUS OU TRES ANNOS. — Este pequeno paletó póde fazer-se de lã de camelo, de panno leve ou de *popeline*. Orna-se com um trancelim, cujo desenho acha-se marcado sobre o molde.

Nº 5. — Costas do paletó.

Nº 6. — Baixo da manga.

Nº 7. — Frente.

Nº 8. — Alfabeto de letras romanas.

Nºs 9-21. — Iniciaes pedidas.

TRABALHOS

CAPUZ SAHIDA DE BAILE, Nº 3.

Materiaes. — 150 grammas de lã ingleza zephyro, branca; 50 grammas de lã de Saxonia encarnado vivo; um jogo de agulhas de buxo.

Este capuz é muito quente e commodo; póde servir ao mesmo tempo de murça; compõe-se, por assim dizer, de dous lenços, sendo um para cobrir os hombros, e o outro a cabeça. O nosso modelo tinha um chão branco liso, com uma beira encarnado vivo de ponto de diamante.

Com a lã branca armão-se 86 malhas. Fazem-se depois 56 carreiras de

ponto de meia liso, augmentando-se em cada carreira tres malhas no meio, e uma malha no principio e outra no fim. Fazem-se depois quatro carreiras de ponto de diamante com a lã encarnado vivo, e emfim cinco carreiras lisas com lã branca; fica assim concluido o capuz. Faz-se outro pedaço semelhante para forra-lo, e ambos elles reúnem-se com uma carreira de malhas simples.

É preciso um terceiro pedaço semelhante para a murça, e forra-se esta com um quarto pedaço branco todo liso. Ajuntão-se as duas partes com um debrum de fita de tafetá branco, e põem-se fitas brancas de amarrar.

CORPINHO DE LÃA EM PONTO DE MEIA, N° 26.

Materiaes. — 120 grammas de lã de Saxonia branca; 35 grammas da mesma lã preta; agulhas de fazer ponto de meia, de tamanho regular.

Este corpinho traz-se debaixo de uma capa; póde tambem substituir uma camisinha branca debaixo de uma casaquinha durante o inverno.

O nosso modelo faz-se de riscas de ponto de meia.

O chão é branco e a guarnição preta.

Armão-se 366 malhas, e fazem-se sempre alternativamente tres malhas do direito e tres malhas do avesso. Nas carreiras seguintes, fazem-se sempre as malhas do avesso emcima das malhas do direito, e o inverso para que as riscas fiquem regulares. Cumpre ter o cuidado de não mudar este desenho quando se fazem as diminuições e os augmentos nos lados.

Fazem-se 8 carreiras brancas, 2 pretas, 6 brancas e 2 pretas; antes de concluir-se a guarnição, prepara-se no meio das costas e nos lados uma dobrada diminuição. Contão-se as 6 malhas do meio da carreira inteira, e em ambos os lados d'estas 6 malhas faz-se uma diminuição em cada duas carreiras; estas 6 malhas formão uma risca marcada. De cada lado d'estas 6 malhas contão-se 82 malhas, e depois mais 6 malhas, em cada lado das quaes faz-se uma diminuição, sendo assim seis diminuições em cada duas carreiras; d'esta segunda diminuição de cada lado em diante, principiãõ as frentes do collete.

Fazem-se mais 6 carreiras pretas; depois arrematão-se as 4 primeiras e as 4 ultimas malhas, e fazem-se 10 carreiras brancas, continuando-se as diminuições já explicadas. Depois da decima carreira não se repetem estas diminuições senão em cada tres carreiras. Quando tem-se diminuido d'esta maneira nove vezes, deixa-se de diminuir. Na nonagesima-setima carreira, principiãõ-se os augmentos na mesma risca onde tem-se feito as diminuições nos lados, quer dizer que as mesmas 6 malhas separão os augmentos. Entretanto principia-se primeiro por augmentar sómente de um lado d'estas seis malhas, na parte das costas; augmentão-se sempre duas malhas ao mesmo tempo. Quando tem-se augmentado assim tres vezes regularmente, com in-

tervallo de 16 carreiras, augmenta-se tres vezes (sempre de duas malhas ao mesmo tempo) *nos dous lados* das seis malhas, fazendo-se 18 ou 19 carreiras lisas entre cada carreira augmentada. Ter-se-ha augmentado em tudo dezaseis vezes na parte das costas e seis vezes na parte da frente. Trabalha-se depois sem augmentar, formando sempre as riscas, até ter-se feito 200 carreiras. Neste lugar separão-se as costas das frentes para formar a roda das mangas. Para isto, arrematão-se 5 das 6 malhas entre os augmentos; divide-se o todo em tres partes, e fazem-se 130 carreiras para as costas, e 120 para cada frente. Torna-se a armar 4 malhas para substituir as que se arrematárão de cada lado, e trabalha-se em todo o comprimento da obra; principiãõ-se as diminuições nos hombros. Estas diminuições fazem-se, da mesma maneira que as outras, em cada lado das mesmas 6 malhas, cujas quatro que se acabão de armar devem vir a ser as do meio. Na parte da frente, diminue-se em cada tres carreiras; na parte das costas, em cada quatro carreiras sómente. Continua-se da mesma maneira até que se tenham feito 74 carreiras. Depois da duodecima d'estas 74 carreiras, principiãõ-se as diminuições da roda do pescoço. Arrematão-se primeiro 4 malhas (de cada lado, bem entendido); fazem-se 5 carreiras sem arrematar; arrematão-se 3 malhas na quarta; continua-se a arrematar tres malhas em todas as quartas carreiras, depois duas sómente, depois uma só, até que fiquem só tres ou quatro malhas de cada frente. Quando se tem concluido as 74 carreiras, arrematão-se todas as malhas.

Para a guarnição das frentes fazem-se tiras separadas. Armão-se 158 malhas com a lã preta, e faz-se, como no baixo do collete, 2 carreiras pretas, 6 brancas, e mais 2 pretas; arrematão-se as malhas, e cosem-se as tiras em cada lado da frente, as quaes franzem-se levemente para que os cantos fiquem bem redondos.

Quando se faz a segunda tira, cumpre ter o cuidado de formar as seis casas dos botões, que se fazem arrematando em uma carreira 4 ou 5 malhas, que se tornão a armar na carreira seguinte.

Para as mangas, formão-se as riscas no sentido da largura. Armão-se 21 malhas, e augmenta-se de uma malha no principio e no fim de cada carreira até á decima quinta; fazem-se depois 50 carreiras sem augmentos, e tres carreiras diminuindo de uma malha no principio e no fim de cada uma d'ellas, para o cotovello; depois continua-se a trabalhar sem augmentar nem diminuir, até que a manga seja bastante comprida. No nosso modelo ella continua 115 carreiras. Fecha-se a manga por um ponto de costura.

Faz-se depois ao redor do corpinho, sem excluir a roda do pescoço, duas carreiras de malhas dobradas de crochet com lã branca, e uma carreira formando dentes com lã preta. Cada dente compõe-se de uma malha simples, de 2 malhas dobradas, 3 *barrettes*, 2 malhas dobradas, e uma malha simples.

Executa-se a mesma guarnição ao redor do baixo das mangas. Póde ser substituída por uma renda estreita de ponto de meia.

ROLO DE GUARDANAPO, N° 27.

Este pequeno trabalho faz-se em pellica cinzenta ou couro da Russia. Segue-se os contornos do desenho com uma pequena passamanaria chamada *napolitana*, da mesma côr do que o chão; de um lado sómente enfeita-se a passamanaria com um fio de ouro.

CHARUTEIRA, N° 51.

Eis-aqui um genero de trabalho inteiramente novo, e cujo effeito é muito singular; é bordado em ponto real, sem ser enchido, isto é, formado simplesmente com pontos lançados de um lugar para o outro. Este bordado, executado em pequenos pedaços de côres brilhantes e variadas, imita os desenhos de lã de camelo. O nosso modelo póde servir não sómente para charuteira, mas ainda para cobrir uma carteira. Repetindo-se varias vezes as palmas, poderãõ servir para pasta, almofada ou ventarola.

Para bordar em pellica, precisa-se primeiro ferrar esta com um pedaço de panno de linho forte, e, depois de desenhada, prega-la num pequeno bastidor. Enchem-se as pequenas partes do interior da palma, entrando alternativamente a agulha por cima e por baixo. Fazem-se de differentes côres, encarnado, branco, azul, verde, preto, côr de milho e roxo; depois rodeião-se com um fio de ouro. O contorno exterior faz-se com passamanaria serpentina cinzenta, da côr da pellica.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA DE BORDADOS.

N°s 1 e 2. — Collarinho e mangas de moça para bordar-se em nansouk. Grãos em realce e folhas em ponto de relevo, recôrte *point de rose*.

N° 3. — Capuz. (*Ver os trabalhos.*)

N°s 4 e 5. — *Antonia* e *Mathilde*. Nomes para cantos de lenços. O primeiro em ponto de relevo e cordãozinho; o segundo em ponto de relevo com linha branca, e pontinhos com linha de côr por cima.

N°s 6 e 7. — Collarinho marinheiro e punho irmanado, de panno de linho pespontado. Borda-se quer em ponto de relevo e grãos, quer em bordado à *luminute* e *point de poste*:

N^{os} 8 e 9. — *Luiza e Noemi*. Nomes para cantos de lenços. *Point de rose*, ponto de relevo e *point de poste*.

N^o 10. — *S. G.* Iniciaes tendo por cima uma corôa de visconde. Ponto de relevo.

N^o 11. — *A. C.* Iniciaes. Ilhozes, ponto de relevo e cordãozinho.

N^o 12. — Ponta de gravata de cassa branca. Recôrte, cordãozinho e grossos grãos.

N^o 13. — *M. G.* Iniciaes. Ponto de relevo.

N^o 14. — *A. S.* Iniciaes. Amendoas em ponto de relevo e grãos em realce.

N^{os} 15, 16 e 17. — *Judith, Rachel e Theresa*. Nomes para cantos de lenços. Cordãozinho.

N^o 18. — Collarinho para criança. Ponto de relevo e *point de poste*; recôrte *point de rose*.

N^o 19. — *A. B.* Iniciaes. Ponto de relevo.

N^o 20. — *Fanely*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo e *point de poste*.

N^{os} 21, 22 e 23. — *D. F., A. M. e G. A.* Iniciaes ornadas. Ponto de relevo, *point d'armes* e pequenos grãos.

N^o 24. — *Bertila*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo e *point de poste*.

N^o 25. — Quarta parte de lenço rico. O dobrado contorno formando ondulações indica o lugar onde deve collocar-se o entremeio de *valenciennes*. Ponto de relevo e *point d'armes* mesclado com abertos; recôrte *point de rose*; grãos em realce.

N^o 26. — Corpinho de lã em ponto de meia. (*Ver os trabalhos.*)

N^o 27. — Rolo de guardanapo. (*Ver os trabalhos.*)

N^o 28. — Guarnição de fronha. Recôrte *point de rose*, com ilhozes ou grossos grãos em realce.

N^o 29. — *Elisa*. Nome para canto de lenço. Cordãozinho e ponto de relevo.

N^o 30. — *A. B.* Iniciaes. Ponto de relevo.

N^o 31. — Charuteira. (*Ver os trabalhos.*)

N^o 32. — *A. D.* Iniciaes para roupa branca.

N^o 33. — Quarta parte de lenço em applicação de nansouk sobre filó, formando entremeio rodeado de um recôrte *point de rose*; em cima da applicação de nansouk, desenho de galhos de coral; bordão-se os grãos em *point de poste*, quer de branco, quer de côr, conforme o gosto.

Nº 54. — *Maria*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo e *point de poste*.

Nº 55. — *N. M.* Iniciaes romanas. Cordãozinho e *point de poste*, com grinalda de ponto de relevo.

Nº 56. — *L. G.* Iniciaes. Ponto de relevo.

Nº 57. — *Beatriz*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo simples.

Nº 58. — *E. B.* Iniciaes entrelaçadas. Ponto de relevo.

Nº 59. — Guarnição para mandriões e outros objectos de roupa branca. *Point de rose* e bordado inglez.

Nº 40. — Ponta de gravata *châtelaïne*, de cassa branca. Ponto russo com lã meio torcida preta.

Nº 41. — *Anna*. Nome para canto de lenço. Ponto de relevo.

